

INTOXICAÇÃO POR PLANTAS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

CRISTIANE VIGUINI SIMÕES BROETTO¹
ANGÉLICA ALVES MAIA SOARES²

1. Graduanda do curso de Farmácia do Centro Universitário do Espírito Santo, UNESC.
2. Farmacêutica, especialista em Plantas Medicinais, docente do Centro Universitário do Espírito Santo, UNESC. Rua Fioravante Rossi, 2930, 29.705-900, Colatina, ES.

Autor Responsável: C.V.S. Broetto
E-mail: cristianevigui@hotmai.com

INTRODUÇÃO

A intoxicação é uma manifestação clínica dos efeitos nocivos resultantes da interação entre uma substância química e um sistema biológico. Todas as plantas são potencialmente tóxicas, pois produzem substâncias que podem agir como um toxicante, dependendo da dose, via de entrada e tempo de exposição.

Planta tóxica é todo vegetal que, quando introduzido no organismo do homem ou de animais, seja capaz de ocasionar danos que prejudiquem a saúde e bem estar desses seres. O princípio tóxico de uma planta é um conjunto de substâncias quimicamente bem definidas, de mesma natureza ou de natureza diferente, capazes de causar intoxicação, sendo que essa intoxicação depende da quantidade da substância tóxica absorvida, da natureza dessa substância e da via de introdução (OLIVEIRA & AKISUE, 2003).

Para melhor facilidade de encontrar tratamento para casos de intoxicação, as plantas devem ser agrupadas de acordo com seu princípio ativo ou efeito tóxico semelhante. Assim, as plantas são agrupadas em plantas que contêm oxalato de cálcio, plantas que contêm ácido oxálico, plantas que contêm alcalóides tropânicos, plantas que contêm glicosídeos (cardiotóxicos, cianogênicos, saponinas, solaninas), plantas que contêm toxalbuminas, plantas que contêm látex, resinas, espinhos, sumos, alérgenos e plantas que contêm substâncias abortivas (ITHO, 2001).

As intoxicações em humanos ocorrem de acordo com a faixa etária. As plantas ornamentais, presentes nos domicílios, são as que mais causam intoxicações em crianças de até 3 anos de idade. Em crianças um pouco maiores, as intoxicações ocorrem com plantas comuns em parques, pátios e jardins, que exerçam alguma atração, por terem flores, frutos ou sementes coloridas, e ainda, por terem látex. Nos jovens e adultos as formas de intoxicação são diversas, podendo ser até intencional, como a utilização de algumas plantas pela suposta ação alucinógena (SIMOES et al, 2001).

Os resultados mais comuns da ingestão de plantas tóxicas são distúrbios gastrintestinais (náusea, vômito e diarreia), provenientes da irritação das membranas mucosas. Muitos tipos diferentes de substâncias químicas são responsáveis por isso e algumas são encontradas em uso na medicina. A vasoconstrição é o primeiro efeito de algumas plantas tóxicas, podendo também ocorrer convulsões tônico-clônicas, alucinações e distúrbios cutâneos e mucosos (CASARETT & DOULL'S, 2001).

No Estado do Espírito Santo verifica-se um número considerável de ocorrências de intoxicação por plantas e o desconhecimento da população e profissionais de saúde sobre as plantas que mais causam esse tipo de ocorrência no Estado.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada uma pesquisa documental no Centro de Intoxicação do Espírito Santo, identificando as plantas que mais causaram intoxicações no Estado entre os anos de 2004 e 2006, e o número de acidentes nesse mesmo período, conforme descrito na tabela 1.

Tabela 1. Plantas que mais causaram intoxicação no ES (2004, 2005 e 2006)

Ano	2004	2005	2006
Número total de casos em humanos	5.647	7.527	12.101
Número de notificações por plantas	173	260	217
Plantas mais comuns			
• Comigo-ninguém-pode	49	69	61
• Pinhão paraguaio	22	35	20
• Bucha paulista	5	12	10
• Tinhorão	9	1	7
• Mamona	5	3	5
• Bálsamo /"mamãozinho"	4	10	4
• Taioba	9	2	4
• Trombeta/zabumba	4	4	2

Fonte: Toxcen – ES

Realizou-se também uma pesquisa de campo nas cidades de Colatina, Linhares, Ecoporanga, Água Doce do Norte e Governador Lindenberg, que representaram o norte do Estado, com um total de 100 entrevistados. Essa pesquisa teve o objetivo de verificar o conhecimento da população sobre as plantas que mais causam intoxicação no Estado do Espírito Santo e a presença das mesmas nas residências dos entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à idade, verifica-se que a maioria dos entrevistados, cerca de 50%, encontra-se na faixa etária entre 20 e 39 anos (Figura 1).

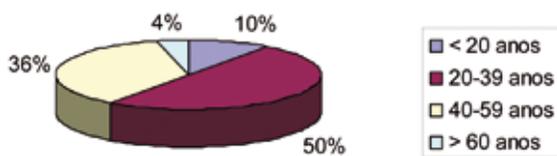


Figura 1. Entrevistados, por faixa etária.

Os resultados da figura 2 revelam que a grande maioria da população entrevistada conhece as plantas que mais causam intoxicação no Estado do Espírito Santo. Os resultados estão apresentados na figura 2.

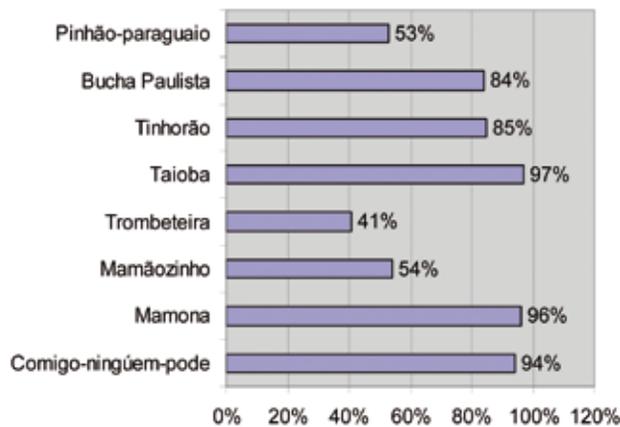


Figura 2. Conhecimento da população em relação às plantas tóxicas do Estado do ES

Os resultados da figura 3 mostram a incidência dessas plantas nas residências dos entrevistados. Verifica-se que cerca de 63% dos entrevistados possuem uma ou mais dessas plantas em sua residência e que apenas 37% não possuem alguma dessas plantas.



Figura 3. Presença de plantas tóxicas nas residências.

Na identificação das plantas presentes nas residências, observa-se que a comigo-ninguém-pode está presente em cerca de 76% das residências, seguida da taioba (27%) e tinhorão (25%), as outras espécies de plantas aparecem em percentual menor, como demonstra os resultados apresentados na figura 4.

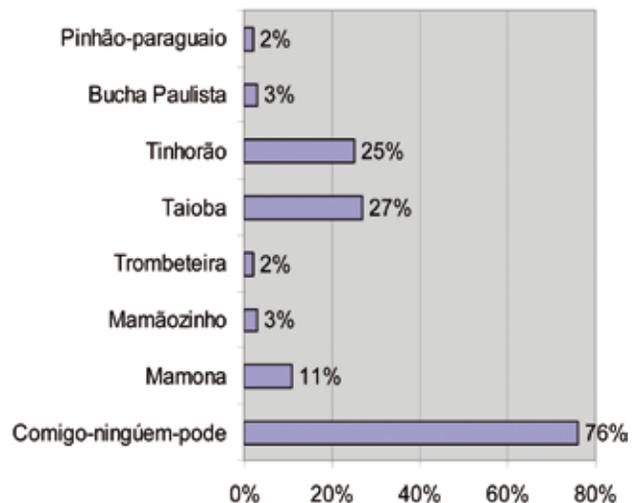


Figura 4. Plantas presentes nas residências

Sobre o conhecimento dos entrevistados em relação à toxicidade dessas plantas, verificou-se que cerca de 80% são conhecedores de que essas plantas podem causar intoxicações e cerca de 20% afirmaram desconhecer esse fato (Figura 5).

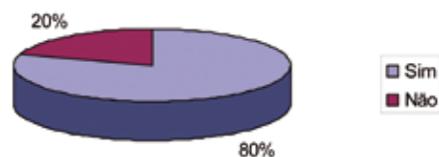


Figura 5. Conhecimento dos entrevistados sobre a toxicidade das plantas.

Os resultados da figura 6 mostram claramente que cerca de 39% dos entrevistados conheceram algum caso de acidente com uma ou mais dessas plantas, mas que a maioria, cerca de 61% não mencionaram conhecer qualquer tipo de acidente relacionado com essas plantas.

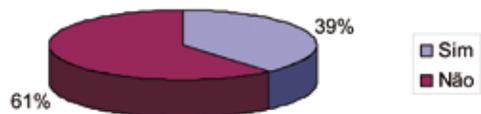


Figura 6. Conhecimento sobre acidentes com as plantas tóxicas do Espírito Santo.

Dos 39% dos entrevistados que conheceram algum caso de acidente com as referidas plantas, verifica-se que cerca de 76% dos acidentes foram causados pela planta comigo-ninguém-pode, 7% foram causados pela mamona, bucha paulista e pinhão-paraguaio, 5% pela taioba, 10% pelo tinhorão e apenas 2% pela trombeteira, conforme o apresentado na figura 7.

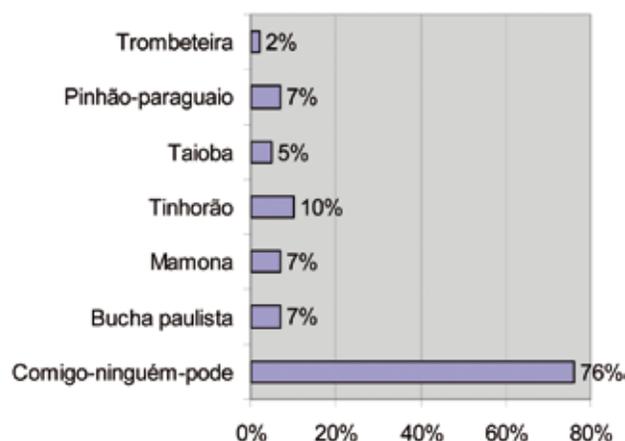


Figura 7. Acidentes relacionados com as plantas

Com relação à experiência pessoal dos entrevistados com acidentes envolvendo essas plantas, cerca de 90% relataram nunca terem sofrido acidentes com qualquer tipo de plantas e apenas 10% mencionaram que já sofreram acidentes com outras plantas, que não as relacionadas neste trabalho (Figura 8).

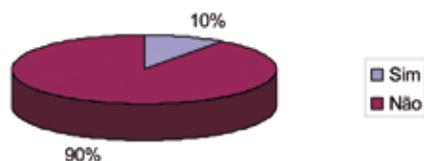


Figura 8. Acidentes com outras espécies de plantas.

Dos 10% dos entrevistados que já sofreram acidentes com outras plantas, cerca de 73% dos acidentes foram causados pela urtiga (*Urtica dioica*), 18% por alguma espécie de cacto e 9% pela dama-da-noite (*Cestrum nocturnum*), conforme apresentado na figura 9.

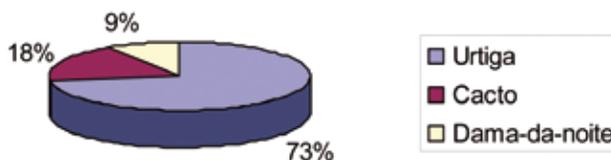


Figura 9. Acidentes causados por outras espécies de plantas.

Os resultados deste trabalho mostram que a maioria da população conhece as suficientemente as plantas que mais causam acidentes no Estado do Espírito Santo, pois muitas estão presentes nas residências dos entrevistados e, a maioria destes, conhece suas toxicidades.

Comparando-se os resultados deste trabalho com os dados enviados pelo Toxcen, pode-se confirmar o elevado número de acidentes com a planta comigo-ninguém-pode. Esta é uma planta muito conhecida e disseminada na região, ficando atrás somente da mamona e taioba. A comigo-ninguém-pode está presente em cerca de 76% das residências dos entrevistados e quando se aborda os números de acidentes, a mesma apresenta o mesmo percentual (76%), sendo a planta que mais causa acidente no Estado.

Além das plantas relatadas no trabalho, há outras que também causam intoxicação e foram citadas por alguns entrevistados, mas o número de acidentes com as mesmas é pequeno ou então não são notificados ao Toxcen.

No Estado do Espírito Santo, bem como no Brasil, os dados sobre intoxicações estão concentrados nos Centros de Controle de Intoxicações (CCI's) distribuídos pelo país. Os dados são coletados e divulgados pelo Sistema Nacional de Informação Tóxico-Farmacológica (SINITOX), da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), que é um órgão do Ministério da Saúde.

A notificação deve ser feita em todos os casos em que houver suspeita da ocorrência de efeitos tóxicos, sejam eles agudos ou crônicos, relacionados a qualquer tipo de exposição, incluindo plantas, agrotóxicos, animais peçonhentos, produtos químicos industriais ou domissanitários e drogas de abuso. A carência do serviço de saúde, o desconhecimento dos profissionais de saúde, a displicência dos trabalhadores e a não obrigatoriedade de notificar os casos, contribuem para uma subnotificação e demonstram valores irrealistas quando se fala na epidemiologia das intoxicações.

CONCLUSÕES

No início deste trabalho, acreditava-se que a população não tinha conhecimento sobre as plantas tóxicas e que o número de acidentes com as mesmas era mais significativo, pois os casos são frequentes.

Com o desenvolvimento e a realização da pesquisa documental e de campo, verificou-se que a maioria da população conhece as plantas que mais causam intoxicações, sendo que o número de casos referentes aos anos de 2004, 2005 e 2006 são imprecisos, devido às sub-notificações na época.

Neste contexto verifica-se uma incoerência, entre o alto conhecimento da população sobre a toxicidade das plantas, a presença das mesmas em suas residências e a ocorrência de acidentes com as mesmas. A informação quanto à prevenção de acidentes é fundamental para reduzir o número de intoxicações e a obrigatoriedade da notificação forneceria números reais em relação à epidemiologia dos acidentes com plantas tóxicas no Estado. O desconhecimento do acidentado e/ou do profissional de saúde em relação ao funcionamento de um centro especializado em atendimento toxicológico, leva à falta de notificação e atendimento ao paciente intoxicado por plantas ou outro tipo de intoxicante.

A sub-notificação é outro ponto que deveria ser melhor trabalhado pelos órgãos competentes, não só pela intoxicação por plantas, mas por qualquer outro tipo de agravo, podendo assim demonstrar epidemiologicamente onde está a maior população sujeita à intoxicação. A divulgação do centro de atendimento ao intoxicado também é de grande importância, pois assim os acidentes poderiam ser direcionados e o paciente teria um atendimento especializado, considerando que o órgão é público e todos têm direito ao atendimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASARETT and DOULL'S. **Toxicology: The Basic Science of Poisons**. 6. ed. McGraw-Hill, 2001. 1236 p.

ITHO, Sony de Freitas. **Rotina no Atendimento do Intoxicado**. Vitória: Toxcen, 2001. 223 p.

OLIVEIRA, Fernando de; AKISUE, Gokithi. **Fundamentos de Farmacobotânica**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2003. 178 p.

SIMÕES, Cláudia Maria Oliveira et al. **Farmacognosia: da Planta ao Medicamento**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFSC, 2001. 833 p.

_____. _____. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFSC, 2002. 833 p.

SINITOX. Disponível em: <www.fiocruz.br> Acesso em: 25 mai. 2008.

TOXCEN. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por cristianevigui@bol.com.br em 05 nov. 2007.